

POR UMA FORMAÇÃO AMBIENTAL EM DEFESA DA CULTURA E DO MEIO AMBIENTE

LEANDRO RODRIGUES DA SILVA¹; ANGELITA SOARES RIBEIRO²; FABÍOLA MATTOS PEREIRA³

¹ IFSul Câmpus Pelotas – Visconde da Graça – le.leandro.rds@gmail.com

² IFSul Câmpus Pelotas – Visconde da Graça – angelitaribeiro@cavg.ifsul.edu.br

³ IFSul Câmpus Pelotas – Visconde da Graça – fabiolapereira@cavg.ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um fragmento da monografia de conclusão de curso em Gestão Ambiental- Câmpus Pelotas Visconde da Graça (CaVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense (IFSl), intitulada “Meu pai tem a prática, eu tenho a teoria: A contribuição da Gestão Ambiental na mediação entre preservação ecológica e cultural junto a pescadores artesanais e agricultores familiares”. Busco pontes e diálogos que contribuem para a superação da dicotomia homem-natureza, em defesa da uma formação ambiental que conceba a cultura como parte do meio ambiente. A discussão parte de relatos da vivência de quatro alunas do curso técnico em meio ambiente do CaVG/IFSl, que narram entre, de um lado os modos de saber/fazer/viver presente em seus contextos socioculturais de origem e, de outro, o saber técnico apreendido em sua formação técnica.

2. METODOLOGIA

Este trabalho possui apoio no método etnográfico¹, com o intuito de conhecer e analisar os contextos de origem e atual dos sujeitos pesquisados, utilizei, na realização da pesquisa, instrumentos como observação participante, entrevistas semi-estruturadas, captação de imagem e áudio e registro em diário de campo.

Meu grupo de estudo abarcou quatro alunas internas oriundas da pesca artesanal ou agricultura familiar, vinculadas ao curso técnico em meio ambiente do CaVG/IFSl. Coloco estas alunas como narradoras de suas próprias histórias, que possuem como pano de fundo os conflitos socioambientais situados entre a tradição e a modernidade. Cabe também salientar que utilizo nomes fictícios para a preservação da identidade dos sujeitos pesquisados.

Foi utilizado também o banco de dados do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação, Memória e Cultura (NEPEC), onde estão presentes as entrevistas, transcrições e dados gerais obtidas nas pesquisas vinculadas ao núcleo. Os dados nos quais foquei minha atenção são aqueles que dedicam-se ao entendimento das questões que se relacionam com os conflitos socioambientais.

¹ Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1978, p. 19)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as entrevistas as alunas foram convidadas a narrarem sobre a possível conciliação ou não dos conhecimentos apreendidos no universo acadêmico/técnico e os saberes e modos de trabalho de suas famílias na pesca e na agricultura familiar. As jovens debatem-se sobre os impedimentos na mudança de posturas/ações de suas famílias e grupos de origem, principalmente porque esta mudança pode colocar em questão a tão frágil sobrevivência. Como Lucia relata: “Não tem cebola, não tem dinheiro”. De um lado coloca-se a perspectiva acadêmica e a dimensão biocêntrica, e, de outro, a perspectiva familiar/cultural e a dimensão antropocêntrica.

Roberta- *É complicado, tem certas barreiras, são bem grandes as barreiras, por que é uma questão cultural, o modo de vida que as pessoas têm pra ti mudar/levar uma curiosidade, falar: "Ah, sabe de tal coisa, que tantos litros de óleo fazem isso?" Tudo bem, a aceitação é tranquila, mas aí tu mudar a postura de uma pessoa independente desta pessoa trabalhar com pesca, ou ser empresário, é muito difícil. Mas sobre eu levar o conhecimento que estou tendo aqui dentro para aliar com o da minha família, eu procuro fazer isso e é bem complicado, pois a realidade que se tem hoje é uma outra lógica.*

Lucia- *A gente nunca passou fome nem nada. Mas a gente já passou momentos bem difíceis. E eu acho isto muito complicado, chegar em um agricultor e querer estimular ele em não querer colocar o mesmo agrotóxico, coisa que vem de anos, coisa que sempre foi assim e mudar todo jeito se ele mal consegue se sustentar com aquilo. Porque aquilo é a única renda. E daquilo, tu depende. Se hoje, neste momento der uma chuva, a cebola do meu pai está toda na rua, e se pegar água vai apodrecer. A gente vai ficar sem. E é a única geração de renda. Tipo se parar para pensar é uma vida de uma pessoa... De sol a sol te matando trabalhando, te envenenando. Eu não sei ainda. Eu acho que ainda a gente é estudante. A gente está se formando agora. E eu acho que falta mais é incentivo do governo, que eu acho que é quem pode intervir mesmo, fazer mesmo, dar condições.*

As barbáries do capitalismo sob a pesca artesanal e a pequena agricultura ocasionam uma luta quase desesperada pela sobrevivência no cotidiano de trabalho destes grupos. Paradigmas são impostos pelas legislações ambientais que confundem e precarizam ainda mais a sobrevivência, em vez de procurar modos de melhoria das condições de vida e trabalho dos pescadores e agricultores. Assim, o agrotóxico, uma criação moderna e capitalista, começa a ser parte da “tradição” de pequenos agricultores que lutam pela sobrevivência em um cenário frágil de políticas de incentivo e apoio a esses grupos.

O conhecimento científico, pautado nas leis, conflita com os modos de saber/fazer/viver das comunidades, sem procurar por meios de mediação entre a preservação cultural junto à ambiental. Estabelece-se um abismo paradigmático e débil entre o antropocentrismo e o biocentrismo (JUNGUES, 2010).

Mas que tipo de conhecimento está sendo apreendido por estas alunas enquanto futuras técnicas em meio ambiente? Que conhecimento eu, como futuro gestor ambiental apreendo em minha formação que me qualifique para a mediação entre natureza e cultura em territórios habitados por grupos como agricultores familiares e pescadores artesanais?

Entendo assim que muitos dos cursos de formação na área ambiental, ainda carecem de reflexões que concebam a cultura dos grupos sociais como algo a ser considerado e observado quando são planejadas ações de preservacionismo. De acordo com Moscovici (1974) *apud* Diegues (2001, p. 49) o novo naturalismo se baseia-se em três ideias principais:

a) O homem produz o meio que o cerca e é ao mesmo tempo seu produto. Nesse sentido, se deve considerar normal a intervenção do homem no curso dos fenômenos e dos ciclos naturais, à semelhança das outras espécies que, segundo suas faculdades, agem sobre as substâncias, as energias e a vida das outras espécies. O que traz problemas não é o fato, mas a maneira como o homem intervém na natureza. Uma natureza pura, não transformada, é um museu, uma reserva, um artifício de cultura como outros, na qual somente o naturalismo reativo acredita. Desse modo, o fundamental não é a natureza em si, mas a relação entre o homem e a natureza. [...] b) A segunda idéia considera a natureza parte de nossa história. Não se trata de voltar atrás para reencontrar uma harmonia perdida. A natureza é sempre histórica e a história sempre natural (Moscovici, 1974:121). O problema que se coloca hoje é encontrar o estado da natureza conforme nossa situação histórica. c) A terceira idéia: a coletividade e não o indivíduo se relaciona com a natureza. A sociedade pertence à natureza, consequentemente é produto do mundo natural por um trabalho de invenção constante. Ela é ao mesmo tempo parte e criação da natureza.

No mesmo contexto, Jungues (2010, p. 31), apresenta a perspectiva das ecologias críticas como “[...] um conjunto de tendências que superam a simples contraposição entre antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo”. Para o autor tais ecologias defendem posições radicais, porque analisam questões de fundo que não são levadas em consideração pelas tendências anteriores.

4. CONCLUSÕES

Pensar a formação do técnico em meio ambiente e do gestor ambiental na perspectiva do novo naturalismo e das ecologias críticas é pensar em uma sociedade na qual a natureza é uma realidade aberta, na qual o homem pode ajudar a desenvolver. Nessa perspectiva, a sociedade pode descobrir que a natureza é diversidade, criação constante de diversidades, existência complementar de cada força e de cada espécie.

Neste sentido, pensar a contribuição da gestão ambiental na mediação entre a natureza e a cultura é, junto com Moscovici, evocar não um retorno à natureza, mas uma nova relação homem/natureza. Não se trata de escolher uma opção, mas mesclar ambas, em um diálogo possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEGUES, A.C. **O Mito da Natureza Intocada**. São Paulo, Hucitec, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JUNGES, José Roque. (Bio)Ética ambiental. São Leopoldo: Unisinos, 2010.